

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

ANO X N° 98  
EXEMPLAR GRATUITO

Jornal do Teatro  
Em Cartaz  
Adriane Galisteu  
Cláudio Cavalcanti  
Daniel Herz  
Eva Todor  
Gilberto Gawronski  
Inez Viana  
Leandro Hassun  
Luís Salém  
Marcelo Serrado  
Otávio Muller

# Gloriosa

Marília Pêra canta e desafina (lindamente) sob a batuta de Cláudio Botelho e Charles Möeller

# Novas gerações

“ O teatro é o alicerce de qualquer arte. É no palco que o artista aprende a ter segurança, descobre o domínio sobre uma plateia. Ali, ele reconhece os silêncios, os sorrisos, o improviso, o ritmo de uma atuação. É fundamental para a formação do ator.

Acredito que a arte só é válida se o público corresponde ao que o artista apresenta. Em mais de 70 anos de carreira, não tive um só papel que não me agradasse. E correspondi ao que o público esperava de mim. Eu tinha um senso de improvisação inato e uma forma de encarar a vida de maneira divertida, o que era perfeito para as comédias daquela época, leves, suaves, familiares. Fazer humor não é fácil. Em frente à plateia, percebe-se o momento exato para levar alguém a rir. Desenvolvi um gênero próprio de atuar e, embora tenha me tornado conhecida como comedianta, fiz diversos papéis dramáticos. Porém acabava retornando à comédia, uma especialidade da companhia Eva e Seus Atores, que meu primeiro marido, Luiz Iglesias, criou.

Quando cheguei ao Brasil, continuei os estudos de balé iniciados na Hungria, onde nasci. Mas depois que comecei a atuar, aos 14 anos, nunca mais parei de trabalhar como atriz.

Estive no palco por mais de 50 anos, 23 deles somente no Teatro Serrador. Perdi a conta do número de peças de que participei. Enquanto pude, acumulei teatro, televisão e cinema, mas houve um momento, na década de 1980, em que precisei optar. Estava cansada com tantas atividades. Escolhi a televisão. Nela, além de papéis que me apresentam a plateias diferentes, tenho a oportunidade constante de contracenar com jovens artistas. Gosto muito deste encontro com as novas gerações: a esperança para nós, artistas veteranos, de que a arte teatral permanecerá sempre viva. ”

**Eva Todor, fevereiro de 2009**



## Interatividade

Cada vez mais o público teatral participa ativamente da realização teatral. No Centro Cultural Justiça Federal, as atrizes Amanda Holcomb, Emileine Zarp e Tuini Bittencourt fazem uma reflexão sobre a memória em *Um Homem e Três Janelas*. Cada encenação, no entanto, é diferente da outra, pois antes de entrar no teatro cada espectador escolhe entre 40 objetos quais serão utilizados pelo elenco em cena.

## Estreantes

A atriz Vera Holtz faz seu *debut* como diretora teatral à frente de *O Estrangeiro*, baseada no romance de Albert Camus. Pela primeira vez encenada no Brasil, a peça também marca a estréia de Guilherme Leme no monólogo.

## Inclusão artística

Baseada em quatro textos do americano Tennessee Williams, a peça *Quartos de Tennessee* fala da solidão em ambientes claustrofóbicos. Para atender a um grande grupo que se sente isolado em quase todas as situações sociais, uma equipe faz a descrição em áudio de tudo que acontece em cena. Os deficientes visuais que forem ao Centro Cultural dos Correios recebem fones de ouvido para acompanhar o espetáculo.

## Haja fôlego!

À frente do elenco do musical *Sassaricando – E o Rio Inventou a Marchinha*, o compositor, ator e cantor Eduardo Dussek volta ao palco do Teatro das Artes (onde também está a peça, todas as quintas-feiras) para apresentar seu show *Dussek de Quinta*. A primeira se inicia às 17h. *De Quinta*, às 21h30m.

Inez Viana

## Momento iluminado

“ Nas minhas angustiadas noites em claro, o Marcelo Neves sempre me dizia: “Calma, vai aparecer um bom trabalho, acredita nisso...” Na medida do possível, tentava acreditar e... não é que apareceu? A feia mais linda que já tive a honra de conhecer. *A mulher que escreveu a Bíblia*. Sabia que ia ser um trabalho diferente em minha carreira, mas não sabia que ia mudar minha vida! Gente, simplesmente a ansiedade e as noites mal dormidas acabaram. Juro, a cada dia é uma sensação de êxtase, de plenitude, de eternidade. Logo no teatro, onde tudo é efêmero, onde as incertezas são maiores, onde é tão difícil conseguir patrocínio – nós, por exemplo, não tivemos nenhum, montamos a peça graças ao apoio do Espaço Sesc –, onde nos perguntamos o tempo todo: será que virá alguém hoje? Será sucesso? Conseguirei pagar o mínimo do teatro?”

A este 1 ano e 2 meses de felicidade e realização, devo muito ao Guilherme Piva, meu querido diretor, que não só me convidou para este monólogo, como formou uma equipe de profissionais impecáveis. Devo também à Thereza Falcão pela belíssima



ESTELA ALBANI / DIVULGAÇÃO

Depois do sucesso de *A mulher que escreveu a Bíblia*, Inez Viana está em *Sassaricando*

adaptação, à Isabel Themudo pela linda produção e, principalmente, pela generosidade, ao autor, Moacyr Scliar.

E que texto, meu Deus! Ele nos faz refletir sobre qual beleza estamos realmente buscando, que vida queremos ter, tudo com muito humor, claro.

Mas eis que surge também o musical *Sassaricando*, onde tive a honra de entrar no lugar da talentosa e amiga querida Soraya Ravenle, para cantar marchinhas carnavalescas. Então, começo 2009 em dois teatros, de terça a domingo! Agradeço todos os dias por esse momento iluminado.

O prazer é tanto que depois ainda consigo ir ao Trapiche Gamboa cantar sambas e ouvir meus amigos do Samba Bom e Samba de Fato encherem mais ainda de alegria meu coração.

# Todo mundo é mundo



O papel da arte no resgate social e a paixão que o palco desperta em quem passou muito tempo da vida sem qualquer acesso a ele estão em *Todo Mundo é Mundo*, uma criação coletiva da Cia Aplauso, que vem encantando o público carioca e faz nova temporada. Artistas, formadores de opinião e até a Rainha Sílvia, da Suécia, conheceram o trabalho do grupo e têm declarado seu encanto com o espetáculo, apresentado no Galpão Aplauso, na Zona Portuária do Rio. Alguns desses depoimentos estão aqui.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



## Brasil que deu certo

É imperdível, é emocionante. O projeto é maravilhoso e a peça é tecnicamente boa. Eles cantam e dançam bem, são bons atores. Há tempos eu não chorava de alegria. A gente sai com a impressão de um Brasil que deu certo. Eu, que estou há 15 anos na profissão, sinto muitas vezes que preciso recuperar essa alegria. É transformador para quem está começando e para quem já está há tempos no ofício.

Ingrid Guimarães, atriz

## O lado bom do País

Gostaria que muitas pessoas assistissem a este trabalho. É o lado bom do País. É o lado que pode dar certo.

Lucélia Santos, atriz





## Exemplo de vitalidade

O Galpão Aplauso não é um cenáculo de caridade, de assistencialismo. Lá são preparadas pessoas para entrar no mercado de trabalho, lá os jovens passam por períodos de conhecimento da criação, da cultura, para depois entrarem na vida profissional. Hoje, os principais grupos culturais brasileiros surgem das periferias para os centros urbanos e ensinam, sim, a nós, como eles são e como querem ser. O Galpão Aplauso é exemplo dessa vitalidade. Importante é pegar as sementes que estão na vida social dos esquecidos. O Galpão Aplauso deve ser conhecido e imitado no Brasil todo.

Arnaldo Jabor, cineasta

## Lufada de esperança

O espaço é deslumbrante pelo tamanho, pela exposição e pela disponibilidade. Agrega um número enorme de jovens, dá assistência, estofo... Por tudo isso é fascinante. E tinha que ser lá mesmo a peça. Ali é o espaço, é onde rola a energia positiva deles. O público que tem ido lá é a resposta. Acaba sendo uma escola de arte dramática onde se aprende a fazer tudo. E entra uma coisa de pureza, de ingenuidade, de superação. Uma avalanche emocional para a gente que trabalha com isso, como uma viagem nostálgica de grupo, de quando começou, da emoção de estar no palco. É uma lufada de esperança de que as coisas podem acontecer.

Du Moscovis, ator



>>

## Amor pela vida

Depois que a gente assiste aos espetáculos da Cia Aplauso compreende que a possibilidade de transformar nossa realidade violenta existe. O que é necessário é vontade. Este é o mais emocionante e lindo espetáculo do grupo. É uma peça a ser assistida por quem tem amor pela vida e esperança na humanidade.

Elisângela, atriz



## >> Show emocionante

O Rio é capaz de criar coisas como o Galpão Aplauso, projeto sociocultural que há cinco anos vem atraindo centenas de jovens da periferia para lhes dar uma profissão e ensinar o que fazer da vida. Fui ver o espetáculo de música, dança, circo e teatro que o grupo está encenando num armazém do Cais. Difícilmente há programa melhor aos sábados do que pegar um ônibus especial que sai do Jockey às 20h30m e assistir a esse show emocionante.

Zuenir Ventura, jornalista

## Modelo a ser seguido

A arte integra todas as possibilidades do ser humano, originando-se na desordem, representada pelo deus grego Dionísio, e pela ordem e harmonia simbolizada por Apolo. Já trabalhei, de forma desordenada, nos anos 1970 e 1980, com grupos de comunidades carentes. Era uma iniciativa própria, sem qualquer apoio. Chego ao Galpão Aplauso e encontro a harmonia construída por um trabalho de profundidade, que emociona. É um modelo a ser seguido aqui e em outras cidades.

Camila Amado, atriz

## >> Paixão, juventude e garra

Agradeço muito a oportunidade que vocês estão nos dando de sair daqui um pouquinho mais brasileiros, um pouquinho mais artistas e um pouquinho menos reclamões da vida, menos enobes, menos aquilo que não se deve ser. Mais daquilo que enobrece, paixão, juventude, garra. Sem vocês não há futuro nenhum. Nem do teatro. Nem do Brasil.

Cristiane Torloni, atriz

## Explosão de vitalidade

Temos aqui uma explosão de vitalidade, de energia, de alegria que nos faz, apesar de todas as crises, apesar de todos os percalços, acreditar, sempre, na força transformadora da juventude brasileira. Na força do Brasil. Aconteceu e acontece no Galpão Aplauso. Wilson Cunha, supervisor do espetáculo



### TODO MUNDO É MUNDO

O quinto espetáculo da Cia Aplauso conta a história de seus integrantes e a descoberta da arte como instrumento para a inserção social e fortalecimento de valores. Dramaturgia: João Batista. Direção: Gilberto Gawronski. Supervisão: Wilson Cunha. Galpão Aplauso (Rua General Luís Mendes de Moraes, 50, Santo Cristo). Tel.: 2233-6648. Estacionamento no local (rua de desembarque da Rodoviária Novo Rio). Sábados, 21h. R\$ 20. Transporte gratuito de ida e volta para o local em ônibus que sai do Jockey Club às 20h30.

# NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

## Tom & Vinicius, o musical

“Politicamente, é muito importante termos um teatro que conte a história não apenas de uma riquíssima parceria, mas de uma amizade profunda. Isso é importante, neste mundo em que vivemos. As interpretações de Marcelo Serrado, como Tom, e Thelmo Fernandes, como Vinicius, são generosas a ponto de permitir que o público projete o Tom e o Vinicius que cada um tem dentro de si”.

Camila Amado, atriz

## Motel Paradiso

“Juca de Oliveira conhece todos os caminhos para uma boa comédia. O elenco afinadíssimo garante divertimento na certa”.

Sílvia Salgado, atriz



## O bilontra

“A montagem de *O bilontra*, misturando fatos atuais aos da época da peça original, que Artur Azevedo lançou há mais de 100 anos, é uma grande sacada. A sátira política sempre foi um dos pontos fortes do teatro de revista. É um espetáculo divertido, com elenco competente e uma adaptação excelente”.

Rogério Fróes, ator

## Às favas com os escrúpulos

“É sempre incrível ver Bibi Ferreira em cena. O espetáculo já vale só por ela, imagina com um bom texto, um bom elenco e muita diversão! É de lavar a alma.”

Rosa Maria Murтинho, atriz







FOTO: PAUL O SEVERO / DIVULGAÇÃO

## Montagem elizabetana para um clássico de Shakespeare

Por Olga de Mello

À frente da primeira montagem no Brasil da comédia *Medida Por Medida*, de William Shakespeare, o diretor Gilberto Gawronski quer que o espectador que for ao Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil tenha a sensação de uma viagem ao tempo, com homens desempenhando os papéis femininos, como na Inglaterra seiscentista. Mesmo que a irreverência contemporânea perpassa o espetáculo – que conta com canções de um passado pouco distante, como *Non, Je ne Regrette Rien*, sucesso de Edith Piaf, para pontuar a trama

desta comédia sombria, situada em Viena. “Que ninguém espere dar gargalhadas estrondosas. A concepção de comédia daquela época era outra”, adverte Gawronski, que no palco faz duas aparições – uma como o próprio Shakespeare, outra na pele de Bernardino, um prisioneiro. “É um papel pequeno, mas o crítico Harold Bloom diz que ele guarda toda a essência da trama”, informa o diretor, que pediu o máximo de naturalidade a todo o elenco, incluindo Rodolfo Bottino, Sérgio Maciel e Rafael Leal, que interpretam as mulheres da peça. “Eles

não são travestis, não estão fazendo caricatura de mulheres. Naturalmente, provocam risadas iniciais, pois são mulheres um pouco diferentes, precisam afinar a voz, cuidar da postura, tudo sem afetação. Ninguém quer buscar o riso fácil”.

### Nem bom nem mau

Como em muitos trabalhos de Shakespeare, em *Medida por Medida* não há um protagonista definido, o que, segundo Gawronski, exigiu um cuidado maior na escola do elenco, que conta com Ricardo Blat, Nildo Parente, Luis Salém e Pedro Neshling em papéis de destaque. Salém vive o Duque, o governante de Viena, que passa o governo para Ângelo (Blat) e Escalo (Parente), quando sai em viagem. Invocando a necessidade de limitar a corrupção moral na cidade, Ângelo decide punir com a morte quem praticar sexo fora do casamento. A primeira vítima é um nobre, Cláudio (Neschling), cuja noiva, Julieta, está grávida. Quando a irmã de Cláudio, Isabela (Sérgio Maciel) pede que a pena seja comutada, Ângelo promete voltar atrás se a moça, muito religiosa, perder a virgindade com ele. Mas o Duque, que voltou à cidade disfarçado, consegue reverter a situação.

Para Ricardo Blat, apesar do comportamento dubio, Ângelo não é um vilão, mas um funcionário determinado a cumprir sua missão: “Shakespeare não tem personagens totalmente bons ou totalmente maus, excetuando os claramente psicopatas que encontramos em algumas tragédias. Ele tinha um olhar agudo para analisar o ser humano em todas as suas nuances e contradições”.

### Coringas em cena

Para pontuar as ações de *Medida por Medida*, Gilberto Gawronski interferiu no texto original de Shakespeare criando dois novos personagens que permanecem em cena durante toda a peça. Os dois coringas são interpretados por Wallace Lima e Murilo Fontes, atores da Cia Aplauso de Teatro. “Aos sábados, assim que o espetáculo termina, vestimos os figurinos de *Todo Mundo é Mundo* e nos enfiamos em um táxi para chegar a tempo de nos apresentarmos, às 21h, no Galpão Aplauso”, conta Wallace, 22 anos.

Contracenar com atores consagrados ainda parece um sonho para Murilo, de 20 anos. “Custo a acreditar que divido palco com o Ricardo Blat. É um aprendizado maravilhoso, até porque todo o elenco tem sido afetuoso e generoso conosco”, diz Murilo, que está na Cia Aplauso há dois anos. Participar de uma peça com atores mais experientes levou Wallace a se reconhecer como ator: “A Cia Aplauso é nossa família, que nos trata com carinho, que nos protege. Fazer um trabalho sem o grupo é me ver como um artista autônomo, um crescimento profissional importantíssimo”, afirma Wallace, que pretende, como Murilo, fazer faculdade em Artes Cênicas.

### AGENDA

Comédia de William Shakespeare. Tradução: Bárbara Heliodora. Direção: Gilberto Gawronski. Com Luis Salém, Nildo Parente, Ricardo Blat, Celso André, Rodolfo Bottino, Alcemar Vieira, Pedro Neschling, Tatsu Carvalho, Rafael Leal, Gilberto Gawronski, Murilo Fontes e Wallace Lima. Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro - Teatro I (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a segunda, 19h. R\$ 10.

# GLORIOSA

## Marília Pêra desafina – e muito bem – sob a regência de Cláudio Botelho e Charles Möeller

Por Olga de Mello

Uma “coincidência cósmica” juntou Marília Pêra, Cláudio Botelho e Charles Möeller na montagem de *Gloriosa*, de Peter Quilter. Quem garante é o próprio Charles, que há alguns anos assistiu, com o sócio Cláudio Botelho, a uma peça na Broadway que contava a história da desafinadíssima cantora Florence Foster Jenkins. “Pensamos imediatamente na Marília para o papel, mas não conseguimos comprar os direitos. E não é que, anos depois, os produtores Sandro Chaim e Claudio Tizo vieram nos convidar para encenar a versão inglesa do mesmo episódio?”, conta Charles, que dirige o espetáculo, cuja adaptação e direção musical ficaram a cargo de Cláudio Botelho.

Atualmente com três outros espetáculos em cartaz no Rio – *A noviça rebelde*, *Beatles num céu de diamantes* e *7, o musical* – a dupla tem a agenda fechada até o fim do ano, quando estrearão mais três musicais:

*Avenida Q*, *O despertar da primavera* e *Gipsy*. O fôlego para estar à frente de tantas montagens surge sempre que necessário, garante Charles, que se orgulha de haver contribuído para firmar a cidade como praça para grandes produções. “O Rio de Janeiro estava muito desacreditado, todos diziam que aqui só valia a pena fazer monólogos ou besteiro. Hoje, exigimos que todas as

nossas peças estreiem no Rio! É cláusula contratual”. Com um currículo de sucessos de público, alguns inesperados – como *Beattles*, montado sem grandes pretensões, para aproveitar um espaço na agenda do Sesc Copacabana –, Charles Möeller conversou com *Aplauso* sobre o desafio de fazer um musical onde a harmonia e o ritmo ficam em permanente desencontro.

**Aplauso: Por que vocês viram em Marília Pêra a intérprete ideal de Florence?**

**Charles Möeller:** Só uma profissional que canta muito bem poderia interpretar uma personagem que canta tão mal. Não há registro filmado de Florence, mas ouvimos algumas gravações. É algo fora do comum. Ela simplesmente não acertava uma nota sequer. Não tinha melodia, tom, ritmo.

FOTOS: WILSON MELO / DIVULGAÇÃO





>> Alcançava algumas notas altas, mas não conseguia alinhá-las com afinção.

#### Aplauso: O que há por trás da personagem?

**Charles Möeller:** A história dela é muito trágica. O pai era um banqueiro da Pensilvânia, riquíssimo. A quantidade de terras que ela recebeu de herança era maior do que o território do estado do Texas. Em menina, aprendeu piano e mostrou-se muito talentosa. Mas o pai não admitiu que ela se tornasse artista, disse que tinha de se casar. Ela, então, fugiu de casa e se casou com um médico que lhe transmitiu sífilis. Na época,

#### AGENDA

Musical de Peter Quilter. Adaptação e direção musical: Cláudio Botelho. Direção: Charles Möeller. Com Marília Pêra, Guida Vianna e Eduardo Galvão. Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899. Shopping Fashion Mall, São Conrado). Tel.: 3222-2495. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h. R\$ 70 (qui. e sex.) e R\$ 80 (sáb. e dom.).

o tratamento era à base de mercúrio, o que pode causar alterações mentais e até de percepção.

#### Aplauso: E onde estavam os amigos para dizer que cantar não era o seu forte?

**Charles Möeller:** Depois que o pai morreu, Florence herdou toda a fortuna e passou a promover saraus. Ninguém tinha coragem de negar-lhe o direito de cantar. Afinal, era ela quem financiava as apresentações. Entusiasmada, cantava trechos de óperas e tornou-se uma sensação em Nova York. As pessoas iam vê-la desafinar e tinham acessos de risos. Mas ela achava que provocava em seus ouvintes a mesma reação que as fãs históricas de Frank Sinatra. Como se considerava uma diva, decidiu alugar o teatro Carnegie Hall, que teve a venda de ingressos mais rápida de toda a sua história. A procura só é comparável às apresentações de Judy Garland e dos Beatles. O problema é que pela primeira vez ela recebeu críticas arrasadoras. Cinco dias depois, morreu de enfarte fulminante.

#### Aplauso: Como foi dirigir Marília Pêra?

**Charles Möeller:** Não tínhamos a menor dúvida de que Marília daria à Florence toda a dimensão tragicômica da personagem. Ela não se acomoda na posição de grande atriz, se entrega ao trabalho com empenho. Foi o encontro perfeito entre três pessoas neuroticamente disciplinadas. Todos nós três somos excessivamente pontuais. O temor de atrasos era tamanho que havia quase uma competição para ver quem chegaria mais adiantado ao ensaio...



#### Afinção na alma

Enquanto Florence Jenkins era desafinada e de coração fraco, cantar em bom tom nunca foi problema para Marília Pêra, que já interpretou Dalva de Oliveira em *A Estrela Dalva*, além de ter trabalhado em diversos musicais, como *Pippin*, *My Fair Lady* e *Roda Viva*. Também participou de peças-show, cantando sucessos de Carmem Miranda e de Ary Barroso. Mesmo assim, Marília se considera uma cantora mediana. O que a atraiu no papel foi trabalhar em um musical "em que a atriz principal tem como obrigação cantar bem mal". Para Marília, Florence Jenkins tinha uma vaga percepção de que não cantava bem. "Mas ela nem pensava nisso, creio eu, tamanho o amor que tinha pela música e a necessidade de estar cercada de aplauso. Na verdade, acho que ela não queria ter essa consciência", diz Marília, que, além de *Ave Maria*, de Gounod, interpreta, na peça *A Rainha da Noite*, de Mozart; *A Risada de Adele*, de Strauss; e *A Canção do Sino*.

# Tom & Vinicius, o musical

Marcelo Serrado e Thelmo Fernandes vivem a dupla mais reverenciada da MPB

Por Olga de Mello

**N**a segunda noite de apresentação de *Tom & Vinicius, o Musical*, no Teatro João Caetano, no início de janeiro, a plateia carioca mostrou que não guardava qualquer mágoa por estar recebendo o espetáculo depois dos paulistanos. “No meio de *Garota de Ipanema* houve uma ovação espontânea. Isso nunca aconteceu em São Paulo, onde o público se mostrava emocionado, mas era mais contido. Acho que era o reconhecimento de que Tom e Vinicius haviam chegado em casa”, observa o diretor Daniel Herz.

A peça deveria ter estreado no Rio, mas a escassez de casas de espetáculo na cidade levou a montagem primeiro a São Paulo. “Foram cinco meses de suces-

so. Tom e Vinicius, mais que cariocas, são patrimônio do Brasil”, diz Herz.

Autor do projeto, o ator Marcelo Serrado sempre quis produzir um espetáculo ligado à Bossa Nova. Para interpretar o maestro Tom Jobim, começou a se preparar há três anos, quando foi aprender a tocar piano. “Cheguei a instalar um piano ao lado da minha cama para tornar o instrumento parte de meu dia a dia. Tom é um personagem muito difícil de interpretar, porque sua vida foi muito uniforme, muito tranqüila. Ele não renderia, sozinho, uma peça de teatro. No máximo valia para uma biografia, um documentário. Tom teve uma história tranqüila, apenas dois casamentos, poucos romances. Já Vinicius, sim, é drama puro. Ele trouxe um pouco de chama para a vida pacata do Tom”, afirma Marcelo.

## O príncipe e o sedutor

Para contar a história da amizade que levou ao mais importante encontro da música popular brasileira, foram convidados a escritora Daniela Pereira de Carvalho e o poeta

Eucanã Ferraz. O ator Thelmo Fernandes, que vive Vinicius de Moraes, foi chamado a pedido da família do *Poetinha*. “Além de Thelmo ser um grande ator, ele lembra um pouco o Vinicius fisicamente e consegue mostrar todo aquele encanto do poeta, o charme, suas paixões por diferentes mulheres e a angústia que sofria antes de encontrar um novo amor”, diz Marcelo Serrado.

O diretor Daniel Herz, que já dirigira os musicais *Geraldo Pereira* e *Otelo da Mangueira*, mostra-se empolgado com o espetáculo, pois teve a Bossa Nova como fundo musical de sua adolescência. “Meu encontro com o samba se deu na fase adulta. Tom e Vinicius deram voz à classe média, trouxeram a sofisticação harmônica para a música popular. E os dois são personagens muito ricos. Tom, um príncipe, uma pessoa muito estável, mas de uma entrega absoluta à música. E Vinicius, o sedutor por quem todas as mulheres caíam, que se apaixonava intensamente sem deixar de lado o compromisso com a criação artística. É impossível deixar de se apaixonar por ambos”, diz o diretor.

## AGENDA

Texto: Daniela Pereira de Carvalho e Eucanã Ferraz. Direção: Daniel Herz. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Marcelo Serrado, Thelmo Fernandes, Guilhermina Guinle e outros. Teatro João Caetano (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). Fone: 2332-9166. Sextas, sábados e domingos, 20h. R\$ 40.



## 7 - O MUSICAL

Misturando elementos de contos-de-fada com música de Ed Motta, a nova produção de Cláudio Botelho e Charles Möeller discute envelhecimento, amor e perda sob a ótica feminina. Texto e direção: Charles Möeller. Com Alessandra Maestrini, Ida Gomes, Zezé Motta, Rogéria, Eliana Pittman. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n, Centro) Fone: 2232-8701. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 30.

## BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo e outros. **Teatro Leblon - Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta, sexta e sábado, 21h30; domingo, 20h. R\$ 60 (qui.) e R\$ 70 (sex., sáb. e dom.).

## O BILONTRA

A peça, lançada por Artur de Azevedo em 1886, marcou a ascensão do teatro de revista, popular no Brasil no fim do século XIX. A adaptação de José Henrique, que dirige o espetáculo, junta fatos atuais com os mencionados no texto original, que conta a história de um jovem envolvido em falcaturas

para salvar-se da falência. Direção: José Henrique. Com Alexandre Mofati, Cristiano Gualda. **Teatro Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2543-5411. Terça e quarta, 21h. R\$ 30.

## AS CENTENÁRIAS

Duas carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (sex. e dom.); R\$ 70 (sáb.).

## CLANDESTINOS

Comédia conta a história de jovens artistas que chegam ao Rio em busca de uma chance profissional. Texto e direção: João Falcão. Com a Cia Instável de Teatro, criada a partir da seleção de artistas estreantes. **Teatro Glória** (Rua do Russel 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 20.

## OS DIFAMANTES

Maria Clara Gueiros e Emílio Orciollo interpretam um casal de apresentadores de um *talk-show* sobre celebridades de televisão. Texto: Martha Mendonça e Nelito Fernandes. Di-



reção: Ernesto Piccolo. **Teatro do Leblon – Sala Tonia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h30; Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.)

### DOIS PARA VIAGEM

Um feitiço prende no tempo dois atores que tentam apresentar uma comédia ao público. Texto: Miguel Thiré, Mateus Solano e Jô Bilac. Direção: Jô Bilac. Com Miguel Thiré e Mateus Solano. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R\$ 30.

### DUSSEK DE QUINTA

Show no formato de cabaré e *stand-up comedy*, com piadas em torno da vida de quinta categoria que levamos em nosso dia-a-dia. Com Eduardo Dussek e Copacabanda. **Teatro das Artes**. (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, 21h30. R\$ 50.

### ENSINA-ME A VIVER

Glória Menezes é Maude, mulher de quase 80 anos que festeja a vida diariamente. Harold, um rapaz rico e depressivo. Texto: Colin Higgins. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: João Falcão. Com Arlindo Lopes, Ilana Kaplan, Fernanda de Freitas e Augusto Madeira. **Teatro Leblon**

– **Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex.), R\$ 80 (sáb. e dom.).

### O ESTRANGEIRO

Guilherme Leme estrela monólogo baseado no romance existencialista de Albert Camus. Mersault é um homem que observa os acontecimentos, sem lutar para preservar a própria vida. Adaptação: Morten Kirkskov. Direção: Vera Holtz. **Espaço Sesc/Mezanino** (Rua Domingos Ferreira, 60, Copacabana). Fone: 2547-0156. R\$ 16. A partir de 5 de fevereiro.

### EU SOU O SAMBA

Os jornalistas João Máximo e Fátima Valença contam a história do samba através de suas canções neste musical com figurinos de Rosa Magalhães e coreografia de Carlinhos de Jesus. Direção: Fábio Pilar. Direção musical: Helcius Vilella. Com Cláudia Mauro, Romeu Evaristo, Rafaela Fisher. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana) Fone: 2275-6695. Quinta, sexta e sábado, 21h; domingo, 19h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

### ÀS FAVAS COM OS ESCRÚPULOS

Bibi Ferreira estrela a comédia de Juca de Oliveira como a mulher de um senador da República que descobre que

o marido a trai. Direção: Jô Soares. Com Gracindo Júnior, Bárbara Paz, Neusa Maria Faro e Daniel Warren. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h, Domingo, 20h30m. R\$ 80 (qui., sex. e dom.) e R\$ 100 (sáb.).

### A FRUTA E A CASCA

Helena Varvaki e Bianca Comparato vivem Capitu nesta peça inspirada no clássico *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Texto e direção: Manoel Prazeres. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

### INVEJA DOS ANJOS

Uma revisão sobre os laços familiares, discutindo as carências e os medos de cada um, com referências às obras de Paul Auster e Garcia Marquez. Texto: Arruda Mendonça e Paulo de Moraes. Direção: Paulo de Moraes. Com Marcelo Guerra, Patrícia Selonk, Ricardo Martins. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos 24, Centro). Fone: 2220-5070. Quinta a domingo, 20h. R\$ 30.

### MEDIDA POR MEDIDA

A comédia de William Shakespeare discute comportamento, sexualidade, erotismo e hipocrisia. Direção: Gilberto Gawronski. Com Luiz Salém, Ricardo Blat, Rodolfo Bottino, Celso André,

Nildo Parente, Pedro Neshling. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a segunda, 19h30. R\$ 10.

### MORTE SOBRE A LAMA

Travesti recorda seu passado no momento em que vai se suicidar. Texto e direção: Ricardo Torres. Com Déo Garcez, Dani Ornellas, Carlos Arruza. **Centro Cultural Solar de Botafogo, Espaço Dois**. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30.

### A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Thereza Falcão adaptou o romance de Moacyr Scliar sobre a mulher que, no século X antes de Cristo, foi uma das 700 esposas do Rei Salomão. Direção: Guilherme Piva. Com Inez Viana. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Terça e quarta, 21h. R\$ 50.

### A NOVIÇA REBELDE

Um dos mais populares musicais da história estréia em superprodução assinada por Cláudio Botelho e Charles Möeller. Com Hérson Capri, Kiara Sasso, Vera Canto e Mello, Fernando Eiras, Dudu Sandroni. **Oi Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Quarta, quinta e sexta, 20h30. Sábado, 16h e 20h. Domingo, 16h. R\$ 60 a R\$ 120



(qua.). R\$ 90 a R\$ 150 (qui. e sex.). R\$ 120 a R\$ 180 (Sáb. e dom.). qua., qui. e sex., 20h30; sab, 17h e 21h; dom, 18h. R\$ 60 a R\$150.

### OPERETA CARIOCA

O musical de Gustavo Gasparani conta o romance entre a Cabrocha e o Malandro, através de diferentes tipos de samba. Direção: João Fonseca. Com Soraya Renvéle e Gustavo Gasparani. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Quinta, sexta e domingo, 19h30; sábado, 20h30. R\$ 60

### PÁSSARO DA NOITE

Monólogo. Luana Piovani interpreta uma mulher anônima em situação de total solidão. Texto: José Antônio de Souza. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro Leblon, Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Sexta e sábado, 23h30. R\$ 80.

### A PROPOSTA

Comédia baseada em *Pedido de Casamento*, de Anton Tchekhov, a

peça faz referências a técnicas teatrais contemporâneas. Texto: Daniel Gaggini e Marcelo Adnet. Direção: Daniel Gaggini. Com Ricardo Tozzi, Danny Oliveira, Daniel Gaggini. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta a domingo, 21h. R\$ 30.

### QUARTETT

O dramaturgo alemão Heiner Muller traz para a época atual a trama de *Ligações Perigosas*. Adaptação: João Gabriel Carneiro. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Beth Goulart e Paulo Goulart Filho. **Teatro do Leblon, Sala Tonia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Sexta e sábado, 23h30. R\$ 40.

### QUARTOS DE TENNESSEE

Três peças curtas e um artigo de Tennessee Williams tratam da solidão. Direção: Susana Ribeiro. Com Graciela Pozzobon, Angela Rebello e Emílio de Mello. Direção: Susana Ribeiro. **Centro Cultural Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro) Fone: 2253-1580. Quinta a domingo, 19h. R\$ 15.

### QUASE-PARA SEMPRE

A trajetória de duas amigas em um "programa de emagrecimento". Texto: Bosco Brasil. Direção: Roberto Souza. Com Bernardo Lacombe, Joana Lerner e Juliana Delgado. **Espaço Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 60, Copacabana)



Lavanderia  
*Flor de Copacabana*

Rua Siqueira Campos, 239-B  
Fone: (21) 2255-1533





cabana). Fone: 2548-1088. Sexta e sábado, 20h; domingo, 19h. R\$ 10.

## RENATO RUSSO, A PEÇA

Bruno Gomlevsky interpreta o roqueiro nesta biografia recheada por canções do Legião Urbana. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Mauro Mendonça Filho. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.332, Norte Shopping, Cachambi). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.).

## SASSARICANDO – E O RIO INVENTOU A MARCHINHA

A história do Rio de Janeiro é contada pelas marchinhas de carnaval de Lamartine Babo, Braguinha e João Roberto Kelly, entre outros. Texto: Sérgio Cabral e Rosa Maria Araújo. Com Eduardo Dussek, Inês Viana. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, 17h; sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex. e dom.) e R\$ 80 (sáb.).

## TATODOMUNDONOMES/MOBARCO!

Ricardo Napoleão criou e interpreta todos os papéis neste monólogo que mostra diferentes e inusitados personagens viajando de navio. Direção: Victor Garcia Peralta. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Avenida Vieira Souto,

176, Ipanema). Fone 2247-6946. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 30 (qui e sex) e R\$ 40 (sab e dom).

## TERAPIA DO RISO

Espectáculo mostra o primeiro dia de terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Vanucci** (Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Sexta e sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 50 (sex) e R\$ 60 (sab e dom).

## TRAIÇÃO

Um triângulo amoroso envolve um homem, sua mulher e o amante dela. Texto: Harold Pinter. Direção: Ary Coslov. Com Isabella Parkinson, Leonardo Franco e Isio Ghelman. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180 – Botafogo) Fone: 2543. Sexta e sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 40.

## UM HOMEM E TRÊS JANELAS

Uma reflexão sobre a produção e a vivência da memória. Texto e direção: Emanuel Aragão. Com Armanda Holcomb, Emileine Zarp e Tuini Bitencourt. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2550. Terça e quarta, 19h. R\$ 15.

# depois do teatro

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

Aproveitando o verão, fui conhecer alguns restaurantes, bastante recomendados, no Nordeste. Seguem algumas ideias para o “depois do teatro” de Maceió e Salvador.

## Direto de Alagoas

Em Maceió, você não pode deixar de ir ao **Wanchaco**, da *chef* Simone, especializado em comida peruana com toques nordestinos. Maravilhoso. Comece pelos *ceviches*, todos muito apetitosos. O *tiradito Astrid & Gaston*, numa homenagem ao famoso restaurante peruano – uma mistura de peixe, polvo e camarões num molho com vinagre, limão, alho e azeite – é de comer rezando. O *ceviche costaneira* vem com molho de limão, azeite, gengibre e shoyo... inimaginável!

Como pratos principais, minha sugestão é o Peixe Otoni com molho de gengibre agridoce acompanhado por arroz com alho frito, ou ainda o *Senõra Gladys*, peixe grelhado com risoto verde e geléia exótica de *aguaymanto* (fruta dos Andes).

As sobremesas são um capítulo à parte: peça sem piscar o meringue de morangos. Um show!

### Wanchaco

Rua São Francisco de Assis, 93  
Jatiúca, Maceió.

Fone: (82) 9902-5833

## Já em Salvador...

Chegando em Salvador, vá jantar no **Amado**, do *chef* Edinho, o mesmo do Manacá, em São Paulo. O excelente serviço se inicia com pequenas porções de polvo ao vinagre, camponata – uma ricotta feita lá, espetacular –, pepino agridoce, escabeche de tilápia e pães integral, de leite e de azeite, todos deliciosos. Depois peça os camarões empanados na tapioca com o molho “lambão” – não me pergunte o que é, mas coma, pois é dos deuses!

Como prato principal comi um salmão grelhado ao molho de manga, papaya e coentro com arroz negro, *petit-pois* e mandioquinha frita.

Mais uma sugestão: pescada amarela em crosta de castanha de caju com caruru, banana da terra e *blend* de arroz selvagem: uma combinação de sabores e texturas sofisticada e inesquecível.

### Amado

Avenida do Contorno, 660

Salvador. Fone: (71) 3322-3520



# Quando se é alguém

Os dilemas do amor maduro pela beleza da juventude, em peça inédita de Pirandello

**A**rtista que rompeu com a linguagem do teatro tradicional, Luigi Pirandello (1867-1836) foi um homem discreto e contido na vida particular. Sua paixão pela atriz Marta Abba, 33 anos mais jovem, só se concretizou profissionalmente e o inspirou a escrever diversas obras, entre elas a nitidamente autobiográfica *Quando se é alguém*, em cartaz na Sala Marília Pêra do Teatro do Leblon. “Nada mais atual do que falar do amor na velhice, neste momento em que somente valorizamos a juventude e esque-

mos que a paixão independe do físico”, diz o ator Cláudio Cavalcanti, protagonista do espetáculo.

A diretora Martha Ribeiro, especialista na obra de Pirandello, concorda com Cavalcanti: “Na Era do Botox, é importante refletir sobre a velhice, em como é difícil ser velho”. Segundo Martha, o escritor era um homem típico de sua época. “Na peça, ele mostra suas razões para não se envolver com uma mulher tão jovem. Além do preconceito da sociedade, Pirandello tinha um pudor natural

em se expor de tal maneira para alguém com idade para ser sua neta”, diz a diretora.

## Decisão difícil

Inédita no Brasil, *Quando se é alguém* não obteve sucesso ao ser montada pela primeira vez na Itália, em 1933. Um ano mais tarde, Pirandello recebia o Prêmio Nobel de Literatura por sua obra, que revitalizou a criação teatral. Mesmo assim, *Quando se é alguém* e outros trabalhos de sua última fase, que apresentam um processo constante de manifestação do inconsciente, foram rejeitadas por crítica e público. “Talvez o tema tenha indignado a sociedade puritana da época. Para um homem que sempre se manteve afastado de escândalos, foi uma ousadia tocar em um tema tão pessoal, ainda que de uma maneira muito particular e dramática. A peça puxa pela inteligência, busca o emocional sem tantas elocubrações metateatrais típicas de Pirandello. É extremamente poética essa visão do homem em idade avançada, apaixonado, que se entristece por sentir que o corpo velho e decadente abriga um espírito jovem”, diz Martha Ribeiro.

Para Cláudio Cavalcanti, Pirandello consegue exprimir perfeitamente a sensação de quem não se reconhece na imagem envelhecida que vê no espelho. A platéia acima de 40 anos vai se emocionar profundamente com o texto, acredita o ator: “Juventude é alma, não é físico. Hoje existe uma exigência de superação do declínio físico que chega às raias do absurdo. Seria ridículo que eu, aos 69 anos, quisesse interpretar um homem de 30. A vida atual não superou o preconceito contra a velhice, que o próprio Pirandello

## Um amor verdadeiro

Um dos principais dramaturgos do teatro contemporâneo, Pirandello tinha 58 anos quando conheceu Marta Abba, de 25, que se tornou protagonista de suas peças. A confissão íntima de um homem dividido entre o desejo erótico por uma jovem mulher e a sublimação desta pulsão em um casto amor paterno mostrados em *Quando se é Alguém* foi inspirada pelo envolvimento do autor com a jovem atriz – como se comprovou em 1995, quando a correspondência entre ambos foi revelada ao público. Nas cartas, eles mencionam situações apresentadas na peça. Embora sua mulher vivesse em uma instituição para doentes mentais, o escritor recusou-se a manter um relacionamento amoroso com Marta Abba, que abandonou o teatro depois da morte de Pirandello, em 1936.

FOTO: PAULIA KOSSATZ / DIVULGAÇÃO

tinha, perguntando-se se o amor que sente pela moça não seria até uma projeção incestuosa, já que ela tinha idade para ser filha dele. No fim, ele prefere dedicar-se à arte para entrar na história do que viver um romance que a sociedade condenaria. Uma decisão sofrida, que transcende a questão íntima e passa pela reflexão sobre o envelhecimento”, diz Cláudio Cavalcanti.

## AGENDA

Drama de Luigi Pirandello. Direção e tradução: Martha Ribeiro. Com Natália Lage, Claudio Cavalcanti e a Cia. Fudidos Privilegiados. Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Terças e quartas, 21h. R\$ 40.

# Um casal aberto

... *Ma Non Troppo*. Ou as múltiplas combinações do amor



**M**onogamia, machismo, monotonia, traição e as agruras do matrimônio descem do palco para a plateia em *Um Casal Aberto*, *Ma non Troppo*, de Dario Fo e Franca Rame, que chega ao Teatro dos Quatro protagonizada por Adriane Galisteu

e Leandro Hassum, sob a direção de Otávio Muller. “A ação acontece em todo o espaço teatral, palco, foyer, platéia... Optei por não ter cenário, quero que o teatro não tenha cara de teatro nesta grande brincadeira sobre o casamento, que trata de assuntos importantes

de uma maneira delirante, típica do bufão e palhaço genial que é Dario Fo”, diz Muller.

Além de discutir as formas de sobreviver em um casamento contemporâneo, o texto de Fo e Rame mostra quanto existe de representação na relação a dois, colocando em cheque não apenas o papel do teatro, como também questionando o que é atuar. A peça começa com a tentativa de suicídio da mulher, que não suporta mais viver um casamento aberto, proposto pelo marido – que sente ciúmes quando ela tem envolvimento extraconjugais. Para Adriane Galisteu, a identificação com as situações apresentadas na peça é imediata para qualquer pessoa que tenha vivido algum relacionamento.

## Inquietações

Otávio Muller vê a montagem como um aprofundamento do trabalho que desenvolveu ao dirigir, há um ano e meio, Deborah Bloch no monólogo *Brincando em Cima Daquilo*, também assinado pelo casal de autores italianos. “Não sou um especialista na obra do Dario Fo. Muitos críticos afirmam que algumas de suas histórias são datadas, que o momento político e social é outro atualmente.

## AGENDA

Comédia de Dario Fo e Franca Rame. Direção: Otávio Muller. Com Adriane Galisteu e Leandro Hassum. Teatro dos Quatro (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta, sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex. e dom.) e R\$ 80 (sáb.).

Acho que essas questões ainda nos trazem muitas inquietações. O tema do *Casal* é primo-irmão do *Brincando*. Nos últimos 40 anos houve mudanças na forma de se entender as famílias e os casamentos, mas há muito que se refletir sobre os conflitos que surgem pela possessividade”, acredita Otávio Muller.

Alessandra Vanucci, especialista na obra de Dario Fo, adaptou e traduziu a peça, e indicou Adriane Galisteu e Leandro Hassum para protagonizarem o espetáculo. “O teatro perdeu para a televisão o poder de legitimar a qualidade artística de um ator, mesmo quando exige que ele não interprete, mas sim viva aquela situação. Apesar do talento, popularidade e carisma de ambos, só assisti Adriane e Leandro fazendo o óbvio: Adriane, a bonitona, Leandro, o engraçado. Tenho certeza de que o público terá uma boa surpresa ao assistir *Um Casal Aberto*...”, diz Alessandra.

## A irreverência a serviço da política

O libertário e iconoclasta Dario Fo criou polémica desde que surgiu na cena teatral italiana, na década de 1950, com textos satíricos sobre a Igreja Católica, a política italiana, a corrupção policial e até a Máfia. Por suas críticas às principais instituições da sociedade ocidental recebeu ameaças de morte, além de censuras públicas do Vaticano, do Partido Comunista Italiano, e do governo norte-americano. Em 1973, Franca Rame chegou a ser sequestrada e torturada por militantes fascistas. Mesmo assim, o casal não esmoreceu em seu posicionamento político. A importância da dramaturgia de Fo rendeu-lhe o Prêmio Nobel de Literatura em 1997.

# CENA ABERTA



Sérgio Brito em "Os Veranistas",  
Teatro dos Quatro, 1978